

**A “MANA-CHICA DO CABOIO”
A LINGUAGEM MUSICAL NA DANÇA
DO NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Priscilla Gonçalves de Azevedo (UENF)
prigoncalves78@gmail.com
Giovane do Nascimento (UENF)
giovanedonascimento@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem o propósito de investigar a manifestação cultural “Mana-Chica do Caboio”. A qual, supostamente, foi inventada por uma senhora “dançadeira” e amiga da folia chamada Francisca. De acordo com historiadores (REIS, 1785, *apud* LAMEGO FILHO, 1996), o surgimento ocorre por volta de 1780, na localidade do Caboio, distrito de Santo Amaro, no município de Campos dos Goytacazes (RJ). Por meio desta pesquisa, buscamos compreender sua origem e desenvolvimento, destacando sua linguagem musical na dança e suas influências marcadas por aquilo que Néstor García Canclini define como “hibridismo cultural”, que se constitui na quebra e no cruzamento das diferentes culturas, gerando novas manifestações. Sua música possui um ritmo semelhante aos versos de cantadores repentistas e seus instrumentos incluem três etnias do povo brasileiro: o chocalho do índio, a viola do português e um pandeiro africano.

Palavras-chave: Mana-Chica. Dança. Linguagem musical.

1. Introdução

A Mana-Chica do Caboio é uma dança considerada a única surgida no município de Campos dos Goytacazes (RJ), segundo o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo (2012) supostamente inventada por uma senhora moradora do local chamada Francisca que, apelidada de Mana-Chica era alegre e “amiga da folia”. Esta senhora se misturava aos negros e assim criaram a dança a partir do que observavam nas festas na casa grande, os nobres executavam danças parecidas aos minuets franceses.

Nascida por volta de 1780 na região do Caboio, de acordo com

historiadores (REIS, 1785, *apud* LAMEGO FILHO, 1996), num pequeno agrupamento de casas que fica à margem da estrada que leva ao Cabo de São Thomé, no distrito de Santo Amaro, entre as localidades de Lagoa Feia e Mussurepe. O grande avanço da produção de aguardente na região Norte Fluminense também incentivava os festejos locais.

Essa dança é formada essencialmente por passos e gestos semelhantes aos da quadrilha, compreendendo diversos movimentos como: o “balance”, o “chemin des dames”, a “grande chaine que também surgiram a partir dos movimentos das contradanças francesas. Logo, as mulheres balançavam as saias como sedução e os homens usavam chapéus, faziam reverências e sapateavam como um duelo de conquista.

Fazendo parte do patrimônio histórico cultural e imaterial do município de Campos dos Goytacazes (RJ), a Mana-Chica do Caboio é considerada uma das manifestações culturais de raiz de grande expressão cultural e histórica, por meio da resolução nº 001/2011, artigo 3º da lei 7.527, de 19 de dezembro de 2003, alterada pela Lei 8.151, de 26 de março de 2010, em cumprimento ao que estabelece o artigo 172, inciso II, letra “f”, da Lei Orgânica do Município, e o artigo 30, inciso IX da Constituição da República¹. (2014, p. 67).

Objetivamos com este artigo investigar sua tradição e identidade musical, destacando o seu ritmo musical e citando suas variações. A Mana-Chica é uma manifestação cultural que possui música e dança marcantes ainda nos dias atuais ainda se manifesta em algumas localidades da região do Norte do Estado do Rio de Janeiro, nomeada a mais popular das danças regionais campistas, com sua origem no século XVIII.

2. A linguagem musical

A dança da Mana-Chica é acompanhada por um canto e um conjunto instrumental que se caracteriza por uma grande influência negra, por meio do predomínio dos batuques africanos, com seus tambores, indígena, com o ritmo dos chocalhos indígenas e, portuguesa, constituídos pela viola e o lamento do ritmo do fado.

A combinação dessas misturas étnicas é denominada por Néstor

¹ Lei orgânica do município de Campos dos Goytacazes/RJ.

García Canclini (2015) como “culturas híbridas”, que se constitui na ruptura e mistura das diversas demonstrações que irão compor os sistemas culturais, produzindo novos processos de cultura. Essas possibilidades de misturas aumentam o processo de hibridação, fazendo surgir novas formas de identidade, não diferenciando as classes sociais, nem o erudito e o popular.

Procurando explicar o processo de hibridação cultural, Néstor García Canclini (2015) declara que se necessita de três razões: a queda dos grandes centros disseminadores de cultura, extinguindo os antigos moldes da sociedade; a disseminação de gêneros impuros tomando como exemplo os ritmos musicais, podemos perceber que diversos ritmos se misturaram com o tempo e se espalharam, criando novos ritmos; e a desterritorialização, que seria uma “saída” do “território” (MACHADO et al., 2012), um processo que requer “naturalmente” uma reterritorialização, isto é, a “criação” de um outro novo território, como um processo essencial para que acontecesse a globalização das culturas, pois assim, elas se misturariam e receberiam as características umas das outras, transformando-as em novas identidades culturais.

Nas festas, eram oferecidos bolos servidos pelos donos da casa e por convidados que chegavam para completar o banquete que também incluía café e refresco de groselha. As moças e os rapazes dançavam até a madrugada sob a luz de lampiões ou lamparinas nos terreiros de terra batida ou nos assoalhos de madeira que toavam ao som dos sapateados. A composição coreográfica da Mana-Chica se faz por meio de figuras, como por exemplo, fileiras, círculos e formação de casais para os bailados, marcando assim, sua similaridade com a quadrilha.

Contudo, os negros inseriram na sua composição, um pandeiro chamado adufe, um instrumento musical quadrado que em seu interior são colocadas sementes ou pequenas soalhas, pequenos objetos de metal, a fim de enriquecer a sua sonoridade (figura 1). A melodia do adufe é uma combinação de tristeza e alvoroço que domina a dança, representada pelas senzalas, cabildas² vermelhas e casebres brancos. É a música dos amplos espaços livres, manifestados pelo canto e pela dança. Seus versos

²Tribo, associação de famílias que vivem no mesmo lugar.

são de adágios³ e rifãos⁴.

O adufe (Fig. 1) resulta de uma herança cultural portuguesa e espanhola, ainda que seja conhecido também por outros nomes no norte de África em países como Marrocos (duff), Argélia (duff na região de Ghardaia) e Arábia Saudita (‘ulba – a caixa). (POCHÉ, 2001, *apud* DIAS, 2010)



Fig. 1 – Adufe. Fonte: Blog gêneros/instrumentosmusicais:
<<http://generosinstrumentosmusicais.blogspot.com.br/2009/03/adufe.html>>

Com um ritmo frenético, as damas rodopiam e sacodem suas saias como forma de sedução, enquanto os cavalheiros batem os pés no chão como uma espécie de sapateado e fazem reverências com chapéus nas mãos, dançando com seus pares. Batendo palmas e formando grandes círculos para a dança, semelhantes aos velhos folguedos portugueses, incorporados às figuras das danças africanas, incluem a sua formação como uma espécie de quadrilha.

Alberto Lamego Filho (1996) chama a canção como sendo uma “toada languescente”, assinalando o uso dos acompanhamentos musicais: “As violas do branco tangem. O adufe negro rufa. Os chocalhos ressoam como ásperos maracás indígenas” (p. 86).

Entretanto, Joaquim Ribeiro (1977) contraria Alberto Lamego Filho mencionando Tavares Franco, por meio do romance *A Enchente* (1937), afirmando que há desprezo à cultura campista e que a Mana-

³Costuma situar-se entre 66 e 76 batidas por minuto em um metrônomo tradicional, sendo mais rápido que o Lento e mais lento que o Adagietto (andamento musical lento) e o Andante (ritmo calmo e fluido, mais rápido que adagio e mais lento do que Allegretto).

⁴Adágio vulgar, geralmente de forma grosseira ou chula.

-Chica é uma caricatura mal traçada do Vira português, atrelada aos africanos e índios que a embruteceram, realizando uma coreografia rude dos caboclos não catequizados. Afirma também que seus versos de improvisos nos seus cantos foram obtidos na região de Santa Rita, na localidade de Lagoa de Cima.

Conforme Joaquim Ribeiro (1977), a música da Mana-Chica possui versos septissilábicos, uma forma de linguagem de metrificação portuguesa. As rimas obedecem ao tipo: “A, B, C, B”, que seriam os versos. A estrofe tem um estribilho⁵ de dois versos não rimados. Seus versos, referidos a cantadores repentistas, possuem algumas rimas parecidas com as cantigas do Norte, do Sul e do Oeste.

No livro de Alberto Lamego Filho (1996) a versão da estrofe “eu vou dar a despedida” é denominada um “pé de cantiga”, uma variação de uma estrofe da Mana-Chica: (p. 82)

[...]
Quero dar a despedida
Como deu o meu pavão,
Bateu asas, foi-se embora,
Deixou-me as penas na mão
[...]

A folclorista D. Maria Angélica Furtado Mendonça (1913, p. 319, *apud* LAMEGO FILHO, 1996, p. 90) registra a música da Mana-Chica e a relaciona o conteúdo da letra da música como uma comparação da figura humana, como um tema comum na poética popular e erudita.

[...]
Ai! Mana-Chica,
Mana-Chica, dos meus ais!
Tu és a cana mais doce
Nascida nos canaviais.
[...]

As letras da Mana-Chica seriam semelhantes a uma oração, como as ladainhas cantadas nas igrejas. Narrando a história de seu povo, sua vida simples, movimentada por amores e decepções, idas e vindas, lidas, ao trabalho pesado nos canaviais, à vida e à morte, reproduzem a dor da lembrança de um passado, simbolizando uma repetição de dor.

Há ainda, variações da música da Mana-Chica em Santa Rita, na

⁵Versos repetidos no final de cada estrofe de uma composição poética ou de uma canção: refrão.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

localidade de Lagoa de Cima, e uma variação musical e coreográfica da Mana-Chica, chamada Mana-Joana: uma dança típica do município de Campos dos Goytacazes (RJ), sendo esta considerada uma espécie de quadrilha francesa. (CASCUDO, 2012, s.v.)

3. Os grupos

A Mana-Chica era dançada principalmente em festas juninas e na época de moagem de cana-de-açúcar na baixada campista. Segundo Orávio de Campos Soares (2004), na região do Caboio existiam vários moradores que dançavam e cantavam.

Nos dias atuais, a manifestação cultural Mana-Chica está em iminência de extinção, no entanto ainda há um grupo que mantém viva essa manifestação cultural no município de Campos dos Goytacazes (RJ), dirigido pela professora Neusimar da Hora⁶.

Por outro lado, no município de São Francisco do Itabapoana (RJ), há um grupo de Mana-Chica presidido por Jean Marcos Barbosa. A tradição do grupo vem desde Waltinho Ferreira, falecido em 2013. Ele era filho de Rosa de Almeida, muito conhecida como Rosa Pomada, que faleceu em 2002, com 100 anos. Essa dança ainda se mantém viva na memória dos dançarinos cantores e seus mestres: mestre Antoninho e mestre Amarinho, dando continuidade à tradição, em reuniões familiares, festas da comunidade, eventos culturais, mantendo esse patrimônio, por meio de muitas gerações⁷ (2014, p. 59).

Há ainda a indicação de um grupo na fazenda Machadinha, localizada no município de Quissamã (RJ). Neste local ainda existe um grupo que mantém as características do fado, com os instrumentos originais, e semelhança com as danças africanas. O ritmo do Fado é considerado a maior influência musical da Mana-Chica.

4. Conclusão

A Mana-Chica do Caboio é uma dança que surgiu no município de Campos dos Goytacazes (RJ) no século XVIII, supostamente por uma senhora chamada Francisca com apelido de Mana-Chica. Entretanto, os negros que trabalhavam na lavoura de cana-de-açúcar, reinventaram a dança inspirados nos minuetos franceses, seus passos são semelhantes aos da quadrilha. Sua linguagem musical caracteriza-se por uma mistura

⁶ O Núcleo de Arte e Cultura de Campos (Cia Gente de Teatro) foi fundado em 1998, logo após a saída do Sesc (Serviço Social do Comércio). As danças são Mana-Chica do Caboio, Jongô e o Lanceiro. Sua sede fica na Rua Teixeira de Melo, 252, no Parque Leopoldina.

⁷ Cartilha Cultural do Município de São Francisco de Itabapoana.

cultural, entre as três principais etnias da formação da população brasileira: os chocalhos indígenas, a viola portuguesa e os tambores africanos. Além disso, ainda há a contribuição do adufe, um pandeiro de origem europeia que os negros se empossaram para integrar ao ritmo musical. Sua principal influência é o ritmo do fado, seus versos são septissilábicos ou heptassilábicos e suas estrofes possuem rimas parecidas com as dos cantores repentistas. Nos dias de hoje, existem poucos grupos que ainda dançam a Mana-Chica. Portanto, há uma atual necessidade de valorização da música e da dança regional, por meio de sua cultura e de sua memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad.: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2015.

CARTILHA Cultural do Município de São Francisco de Itabapoana. Prefeitura Municipal de São Francisco do Itabapoana, 2016. Disponível em: <<http://culturadecomunidadesfirj.blogspot.com.br/p/cartilha-cultural.html>>. Acesso em: 22-05-2017.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

DIAS, Ana Carina. *As faces do adufe*. Universidade do Algarve / Campo Arqueológico de Mértola, 2010. Disponível em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3889/1/Faces_adufe_V_Enc_ontro_Arqueologia_Sudoeste_Peninsular_2010.pdf>. Acesso em: 04-09-2017.

LAMEGO FILHO, Alberto. *A planície do solar e da senzala*. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro/Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

LEI Orgânica do Município de Campos dos Goytacazes. Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (RJ), 2014. Disponível em: <<http://www.camaracampos.rj.gov.br/images/legislacao/leiorganicamunicipal/leiorganica.pdf>>. Acesso em: 04-09-2017.

RIBEIRO, Joaquim. *Folclore do açúcar*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SOARES, Orávio de Campos. *Muata Calombo: consciência e destruição*. Campos dos Goytacazes: FAFIC, 2004.